[X + ER]: *um esquema não nativo em terras brasileiras*

[X + ER]: a non-native scheme in Brazilian lands

Alão AGUIAR

Universidade Federal do Ceará
alaooliveira.pf@gmail.com

Paulo Handerson Rodrigues MOTA

Universidade Federal do Ceará
phandersonfr@gmail.com

Resumo: O presente artigo propõe analisar o esquema [[X]$_{Sub./Adj.}$ er]$_{Sub./Adj.}$, não originário da língua portuguesa, nos níveis semântico e morfológico em língua portuguesa, enquanto esquema originário de itens novos na língua, como *anitter*, *faria limer*, entre outros itens. Para tanto, dialoga com a gramática cognitiva proposta por Langacker (2008), com a morfologia cognitiva de Hamawand (2011) e com os estudos de Booij (2007) a respeito da polissemia de sufixos. A construção do *corpus* analisado deu-se por meio de coleta de *tweets* da rede social Twitter/X dos anos de 2022, 2023 e 2024, totalizando 669 *tweets* com 699 ocorrências, ao todo, posteriormente categorizadas e quantificadas. Alcançou-se, como resultados, a constatação do uso de sentidos típicos da língua de origem do esquema, o inglês, como também de padrões de sentido que representam a novidade da construção em português, analisando como se dá o processo de estruturação de cada sentido na polissemia do esquema. Além disso, sua presença no português trouxe questões quanto à sua adaptação morfofonológica, uma vez que as instanciações dos esquemas estão majoritariamente na modalidade escrita. Com Cardoso (2010) e Carley & Mees (2020), elencaram-se hipóteses referentes aos variados graus de natividade do esquema ao quadro linguístico do português.

Palavras-chave: Esquema; Sufixação; Fandom; Morfologia cognitiva.

Abstract: The present article poses an analysis the [[X]$_{Noun/Adj.}$ er]$_{Noun/Adj.}$ scheme, originally not a part of the Portuguese language, on its semantic and morphological levels as a scheme that originates new items in the language, such as anitter, faria limer, among others. For this purpose, a

http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-22794

RECEBIDO EM: 16/06/24 | ACEITO EM: 17/07/24 | PUBLICADO EM: 31/08/24

dialogue is formed between the Cognitive Grammar proposed by Langacker (2008), Hamawand's (2011) word formation in Cognitive Grammar, and Booij's (2007) studies on suffix polysemy. The *corpus* was constructed via selective collection of *tweets* from the social media website Twitter/X from the years 2022, 2023, and 2024, with a total of 669 *tweets* with 699 occurrences in total, later categorized and quantified. The results helped to ascertain the use of the typical meanings of the original language of the scheme, which is English, as well as the patterns of meaning that represent a new formation in Portuguese, analyzing how the structuring process of each meaning in the polysemy of the scheme. Furthermore, its presence in Portuguese brought along questions related to its morphophonological adaptation; considering that schemas lexias are mostly in writing modality. With Cardoso (2010) and Carley & Mees (2020), it was brought up with some hypotheses regarding multiples degrees of schema nativity in Portuguese linguistic framework.

Keywords: Schema; Fandom; Suffixation; Cognitive Morphology.

1 INTRODUÇÃO

A morfologia tem uma larga tradição de estudos nas diversas áreas da linguística. O estruturalismo europeu e o distribucionalismo norte-americano, por exemplo, foram inegáveis ampliadores da teoria e descrição desse nível, atendo-se, logicamente, aos limites impostos pelo paradigma formal da imanência linguística.

Mais recentemente, as abordagens com base no uso têm buscado garantir uma descrição mais próxima da prática comunicativa, estabelecendo relações do enunciado com seus aspectos teleológicos e contextuais. As gramáticas de construção, nesse sentido, oferecem uma abundante descrição dos fenômenos morfológicos lidando com os planos de forma e conteúdo em suas propriedades construcionais e cognitivas.

Nessa via, estudos como os de Gonçalves e Almeida (2014), Silva (2019) e Oliveira (2023) dão dimensões de novos rumos na pesquisa em morfologia que levam em consideração as relações entre linguagem e cognição em língua portuguesa

A análise empreendida neste trabalho busca seguir o mesmo percurso, tendo por objetivo analisar o esquema [[X]$_{Sub./Adj.}$ er]$_{Sub./Adj.}$ nos níveis semântico e morfológico em língua portuguesa. Para isso, propõem-se dois objetivos específicos: 1) Descrever o processo de composição dos sentidos manifestados na categoria do esquema em relação à dimensão pragmático-discursiva; 2) Aferir os constituintes participantes do processo de construção morfológica do esquema em seu processo de adaptação ao português.

A escolha do objeto se dá pelo fato de sua origem ser não nativa do português. Em língua inglesa, o esquema prototipicamente apresenta noções de agentividade, caso das palavras "*lover*", "*hatter*" e "*philosopher*", e de origem, como em "*icelander*", "*foreigner*" e "*cottager*" (Hamawand, 2011). Contudo, mais recentemente, o uso ganhou a adoção de falantes da língua portuguesa, estruturando itens como "*anitter*", "*faria limer*" e "*santa cecílier*", de intensa popularidade nas redes sociais, sendo utilizado como marca identitária de muitas comunidades on-line.

Para realização dos objetivos elencados, parte-se das contribuições da gramática cognitiva (Langacker, 2008; Taylor, 2002), da morfologia cognitiva (Langacker, 2019; Hamawand, 2011), ambas originadas do modelo de gramática de construção proposto por Ronald Langacker, em que se privilegia, na descrição gramatical, o plano semântico e as operações cognitivas presentes na produção e interpretação dos enunciados. A morfologia construcional, como proposta por Booij (2007), também serve como base para condução dos procedimentos aplicados neste trabalho,

ISSN 2237-6321

tendo em vista que servem de fonte para definição dos processos de constituência do esquema na língua inglesa.

O artigo organiza-se, após a introdução, com a apresentação do referencial teórico e dos conceitos que serviram de base para este trabalho, seguido da exposição dos procedimentos metodológicos aplicados na construção e categorização dos dados da amostra. Após isso, há uma discussão dos padrões semânticos do esquema em língua portuguesa e uma discussão sobre sua adaptação morfológica no português, sucedidos pelas disposições finais do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nascida como um dos ramos da Gramática Cognitiva (GC), modelo elaborado por Ronald Langacker, a Morfologia Cognitiva traz, como proposta, examinar a formação das palavras, levando em conta quais as operações cognitivas estão em jogo no decorrer desse processo e, principalmente, como se dá a construção do sentido nos fenômenos morfológicos.

Para tal, essa abordagem afasta-se de outros modelos que tomam a construção das palavras como um agrupamento de unidades situadas lado a lado, isto é, que consideram a construção do significado e da forma de um item lexical como o resultado da soma das unidades que a compõem, centrando a preocupação da morfologia no seccionamento máximo da palavra em subunidades de sentido e expressão estáveis e delimitados (Langacker, 2019).

Esse paradigma, nomeado pela metáfora dos “blocos de construção” (Taylor, 2002; Langacker, 2019), trata-se, para Taylor (2002), de uma visão reducionista da análise morfológica, já que sua aplicação não consegue contornar a gama de fenômenos provenientes do uso linguístico. Pleyer, Lepic e Hartmann (2022) ressaltam ainda como essa postura ignora o valor da interação comunicativa e da cognição na construção dos sentidos, tendendo a uma modelagem de quase matematização do sentido.

Em parte, esse problema se justifica pela concepção empreendida por esses estudos acerca da semântica, priorizando uma abordagem pautada numa imanência linguística de consequente dicionarização do significado, o que, mesmo com os produtivos avanços dessas linhas de estudo, implica uma limitação dos estudos morfológicos.

Por isso, para que fosse possível estruturar novos avanços na descrição morfológica tomou-se por base dois conceitos centrais da linguística cognitiva: 1) a indissociabilidade entre o conhecimento linguístico e os demais conhecimentos de mundo — em outras palavras, a linguagem

é enciclopédica; 2) o estudo da linguagem toma por base o uso (Ferrari, 2018).

Langacker (2019, 1987), nessa via, posiciona o estudo da morfologia como parte do estudo das estruturas simbólicas. As unidades da linguagem partem de uma rotina de uso e replicabilidade que reside em um padrão complexo de atividade neurológica (Langacker, 2019). A regularidade no acesso a essas unidades facilita a interpretação e elaboração de novas expressões (*entrincheiramento/entrenchment*), o que significa uma otimização do processamento cognitivo e ligeira obtenção dos objetivos almejados: "resultados máximos com esforço mínimo" (Langacker, 2019, p. 349).

Na interpretação de uma expressão-alvo, as unidades categorizam os elementos da expressão partindo de características compartilhadas com outros usos (Langacker, 2019). É com essa operação que é possível perceber a estrutura gramatical presente nos enunciados, tarefa nomeada na GC como esquematicidade (Langacker, 2008).

Nesse sentido, a esquematicidade deve ser compreendida como "o processo de extrair semelhanças inerentes a múltiplas experiências para chegar a uma concepção que represente um nível mais elevado de abstração" (Langacker, 2008, p. 17, tradução nossa). Em outras palavras, é a habilidade de extrair, por meio de padrões regulares, uma estrutura comum e abstrata da elaboração linguística. A tarefa oposta a essa habilidade recebe o nome de "instanciação" ou "elaboração" e representa a especificação a partir da estrutura esquemática (Langacker, 2008).

Pensando no português como exemplo, é possível abstrair a estrutura da palavra "mocidade" na medida em que são percebidas semelhanças, com relação a outras unidades — tais como "sinceridade" e "honestidade". Nos polos fonológico e semântico, a possibilidade de construção regular desses itens denuncia a presença do esquema [[X]Adj. dade]Sub. cujo padrão fonológico [dade] e a representação de sentido da qualidade ou característica de X reificada é regular nos 3 itens. Nesse caso, os itens supracitados — *mocidade*, *sinceridade* e *honestidade* – são instanciações desse esquema.

Na morfologia cognitiva, parte-se, ainda, de uma imprecisão nos limites entre léxico e gramática, descritos pela GC como um *continuum* (Langacker, 2008), de modo que as diferenças entre ambos dependem do nível de esquematicidade de uma expressão. Sobre isso, cada nível pode ser definido individualmente como:

> O léxico é melhor caracterizado como as expressões unitárias de uma língua, independente de sua complexidade: morfemas, radicais, palavras, frases fixas, expressões idiomáticas, provérbios e

ISSN 2237-6321

> passagens ainda mais longas. A gramática compreende estruturas que são mais esquemáticas e, portanto, imanentes, tanto nos itens lexicais quanto em expressões novas. (Langacker, 2019, p. 347, tradução nossa).

Assim, a análise morfológica, como proposta pela Morfologia Cognitiva, volta seu olhar à estrutura e à realização das palavras, consideradas como estruturas simbólicas visto que são passíveis de análise pelos polos fonológico e semântico (Langacker, 1987, 2008, 2019).

Hamawand (2011), nessa via, elenca uma série de conceitos presentes na investigação dos processos de interpretação e composição dessas estruturas. Dentre esses, destacamos a composicionalidade, a analisabilidade e a categorização, discutidas a seguir.

A composicionalidade é definida como "o processo de derivação do significado de uma estrutura composta a partir dos sentidos de suas subestruturas" (Hamawand, 2011, p. 36, tradução nossa) e é medida de maneira graduada. O sentido de uma palavra pode depender totalmente de suas subunidades, selecionando facetas de sentido de cada uma delas durante a interpretação da estrutura composta (Hamawand, 2011). Contudo, também é possível que o processo demande mais informação pragmática e enciclopédica, o que faz a construção ser parcialmente compositiva (Hamawand, 2011).

A analisabilidade, por sua vez, é entendida como a proporção entre forma fonológica e conteúdo semântico (Taylor, 2002) e está associada à capacidade de reconhecimento das contribuições fonológicas e semânticas das subunidades em relação a unidade (Hamawand, 2011). Essa operação é também aferida em níveis, sendo total quando essa proporção se dá de um para um, e parcial quando ou o polo fonológico, ou o polo semântico apresenta um descompasso em relação ao outro polo.

Tais aspectos dizem respeito à otimalidade na captura de uma expressão-alvo. Quanto mais compositiva e analisável é uma instanciação, mais facilmente suas subunidades são capturadas e sua estrutura é percebida. Essas características relacionam-se intimamente ao entrincheiramento das unidades e à sua produtividade na língua, ao passo que algumas delas passam a ser usadas de modo mais corriqueiro. Souza (2020) nomeia esse tipo de esquema como "molde" por ser intensamente produtivo na língua.

Por último, destacamos a operação de categorização e sua relação com a polissemia dos esquemas. Esta última precisa, antes de tudo, ser pensada de modo separado da polissemia lexical, visto que o que se admite é a possibilidade de um esquema garantir instanciações cuja variedade de sentidos relaciona-se por um vínculo analógico (paradigmático).

Em grande parte, isso diz respeito às inovações provenientes do uso e à organização de uma categoria, em que determinados sentidos podem representar prototipicamente um esquema, enquanto outros, são menos representativos, isto é, mais periféricos. (Hamawand, 2011).

A definição dos efeitos prototípicos de uma categoria foi preocupação de Lakoff (1987) devido ao fato de serem fenômenos superficiais. O autor aponta a existência de estruturas conceptuais e gestálticas nomeadas como Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) como causa desses efeitos e as classifica entre cinco tipos (Lakoff, 1987; Feltes, 2007): 1) esquemas-imagéticos; 2) estruturas proposicionais; 3) mapeamentos metonímicos; 4) mapeamentos metafóricos; 5) modelos cognitivos simbólicos.

Os MCIs servem, desse modo, como estruturas básicas da experiência para o condicionamento dos traços prototípicos de uma categoria. Em uma polissemia, cada sentido pode também atuar enquanto uma categoria. Nesse caso, o sentido que representa a categoria central da polissemia projeta-se sobre os demais sentidos enquanto modelo cognitivo e define os elementos prototípicos e periféricos da macrocategoria. As extensões, desse modo, relacionam-se com o centro por meio de conexões motivadas por outros MCIs, como esquemas imagéticos, metonímias e metáforas (Lewandowska-Tomaszczyk, 2007).

Para Langacker (1987, 2013), a estruturação do sentido de um evento de uso depende também de outras habilidades cognitivas como a noção de *construal*. O conceito tem a ver com a habilidade de reconstruir uma situação de diferentes maneiras e engloba fenômenos como especificidade, foco, proeminência e perspectiva (Langacker, 2013).

Desse modo, um esquema polissêmico não teria, exatamente, um significado próprio, mas autoriza a seleção de um dos sentidos da categoria a partir de uma rede de significados associados a diferentes domínios. Essa seleção é algo dependente do arranjo, isto é, de quais são as subunidades que integrarão a estrutura composta, de como será a sua união e do contexto em que se insere o item instanciado. A depender de como ela acontece e dos conhecimentos mobilizados para tal, é que o arranjo é criado, com os devidos ajustes fonológicos e semânticos, visando a atender os objetivos funcionais da linguagem (Langacker, 2019).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa segue o método hipotético-dedutivo em que se parte de dados empíricos para formular uma hipótese que compreenda a variedade de amostras coletadas. Para isso, adotou-se uma abordagem

ISSN 2237-6321

quali-quantitativa, visto que a integração das duas abordagens garante a possibilidade de estabelecer relações a níveis micro e macro, com a generalizabilidade da análise qualitativa em relação à especificidade dos dados quantitativos (Flick, 2012).

Com a metodologia adotada, foram tomados dois procedimentos gerais para construção dos dados: a coleta de ocorrências e a sua subsequente categorização. Para tanto, o *corpus* da pesquisa foi composto por *tweets* provenientes da rede social X.

A preferência pela rede se dá pela sua diversidade de autorias e textos, pela abundante interação existente na rede e pela sua aproximação com a oralidade, considerando-se que oralidade e escrita formam entre si um *continuum*, o que preserva, nesse gênero escrito, algumas propriedades típicas da oralidade, como a espontaneidade, imprecisão, informalidade, fragmentariedade, etc. (Marcuschi, 2010), favorecendo a aparição e a popularização de expressões novas.

Para isso, adaptou-se o procedimento de coleta como realizado por Fontes (2023), com o uso da ferramenta de "busca avançada" do próprio site para que fosse possível colher ocorrências com o esquema [[X]$_{Sub./Adj.}$ er]$_{Sub./Adj.}$. A busca foi limitada a três períodos distintos: a) 01 de janeiro de 2022 a 31 de janeiro de 2022; b) 01 de janeiro de 2023 a 31 de janeiro de 2023 e c) 01 de janeiro de 2024 a 31 de janeiro de 2024. A pesquisa ainda foi restringida apenas aos *tweets* em língua portuguesa.

A coleta deu-se, então, em duas fases, em que, na primeira, fizemos a busca dos itens a partir de uma lista pré-pronta, proveniente da nossa experiência como falantes. A partir disso, a busca trouxe tanto itens esperados pela coleta como novos itens pertencentes ao mesmo esquema. Na segunda busca, tomamos estes itens obtidos a partir da primeira coleta como novos norteadores de uma segunda busca. Para viabilizar a pesquisa, estabelecemos: a) o limite de 20 *tweets* por item, seguindo a ordem de aparição; e b) a realização de somente 2 coletas.

Na primeira coleta, realizou-se a busca dos seguintes itens: *anitter*, *ludmiller*, *sonzer*, *alcioner*, *sener*, *groover*, *iveter*, *honter*, *mendoncer*, *marilier*, *faria limer*, *santa cecilier*, *benfiquer*, *messejaner*, *bicicleter* e *yoger*; e na segunda, dos itens: *joão gomer*, *esteirer*, *maiarer* e *maraiser*, e *paulister*.

Ao fim deste processo, foram obtidos 669 *tweets*, contando com 699 ocorrências categorizadas de acordo com as variáveis: animacidade da raiz (1. animado/humano, 2. animado/não-humano, 3. inanimado/concreto, 4. inanimado/abstrato), valoração do item (1. apreciativo, 2. depreciativo, 3. neutro ou constatativo) e tipo semântico (1. integrante de grupo, 2. estereótipo, 3. proveniência, 4. prática, 5. outros). A obtenção dos dados

estatísticos se deu com o auxílio do programa estatístico PSPP, alternativa ao programa SPSS, desenvolvido pela IBM. O software gerou dados de frequência e cruzamento de variáveis qualitativas

4 A SEMÂNTICA DO ESQUEMA E ALGUMAS QUESTÕES DE CATEGORIZAÇÃO

Partindo da noção de unidade simbólica da gramática cognitiva, pretende-se nesta seção discutir as questões relacionadas à polissemia e os sentidos que o esquema adquiriu em língua portuguesa.

Em sua língua nativa, Hamawand (2011) já relata a presença do esquema enquanto deverbal cujo quadro polissêmico apresenta uma extensa variedade de sentidos e diferentes empregos morfossintáticos. Booij (2007) define a extensão semântica do esquema a partir da sua origem de raiz verbal ([[X]$_{V.}$ er]$_{Sub./Adj.}$). Segundo o autor, em línguas como alemão, inglês e holandês, a polissemia surge a partir da extensão dos papéis temáticos evocados pela cena do verbo-raiz do esquema.

Para o autor, itens, como *writer* (escritor) e *pointer* (ponteiro) são representantes prototípicos da categoria e ocupam papel de agente do verbo que lhe serve de raiz: *the writer* é causa de *to write* (escrever), assim como *the pointer* causa *to point* (apontar [as horas]). Contudo, devido a processos de extensão semântica do esquema, passou-se a evocar outros representantes da cena do verbo-raiz, caso de *computer* (computador) e *printer* (impressora), que, no processo de composição da estrutura composta, assumem papel semântico de instrumento (Booij, 2007).

Posteriormente, o esquema passa a comportar raiz nominal e produz o sentido de traço relacional entre a entidade referida e a raiz do item. Em outras palavras, em [[X]$_{S'}$ er]$_{S.}$, destaca-se, semanticamente, a relação de S com S', podendo especificar os sentidos de origem — *amsterdammer* (originário de Amsterdã) — , de pertencimento (nomeado pelo autor como *classificatory names*) — *pensioner* (morador de uma pensão) — , e para designar objetos, cuja propriedade é definida pela raiz — *tenpounder* (um objeto cujo peso é de 10 libras) (Booij, 2007).

Em relação à língua portuguesa, o esquema mostrou-se também polissêmico, podendo receber raízes tanto nominais, como em *anitter* e *faria limer*, como adjetivas, por exemplo *paulister*. Em relação aos sentidos evocados pelo esquema em português depreenderam-se do *corpus* os padrões de sentido apresentados no Quadro 1.

ISSN 2237-6321

Quadro 1 — Tipos de sentido

Tipo	Caracterização
Integrante de grupo	Indica integrantes de uma comunidade ou grupo, cujo elo é o dado semântico da raiz. ex.: Todo *aniter* q eu conheço e baixinho (AN11030123)
Estereótipo	Parte da noção de um estereótipo cultural ou comportamental de uma determinada comunidade ou grupo. ex.: meu deus entrei no instagram e me deparei com a foto de um menino que estudou na minha escola e a foto era literalmente o *faria limer* ATÉ A ROUPA e não foi na zueira eu tenho certeza disso (FL13010123)
Proveniência	Sentido de origem de um lugar ou comunidade. Assemelha-se ao sentido de "quem vem/mora/trabalha em X", sendo X o dado semântico da raiz. ex.: a fumaça do cócó ainda não chegou em messejana por isso que não tem uma unidade de *messejaner* comentando sobre incluindo eu (ME01180124)
Prática	Valor agentivo e tem sentido semelhante ao de "aquele que faz/pratica/usa x em uma prática física X", sendo X o dado semântico da raiz. ex.: Aqui no condomínio tem uma professora de Yoga que dá aulas aos domingos pela manhã. Será que eu me matriculo? Yoga traz que benefícios? *Yogers*, me ajudem (YO05220123)

Fonte: elaborada pelos autores

É necessário endossar que esse tipos não têm limites estritos e que representam, dentro da macrocategoria do esquema, categorias cujas fronteiras são graduais e fluidas, o que possibilita a presença de usos em que mais de um padrão de sentido é evocado ou em que a definição do tipo de sentido empregado é incerta.

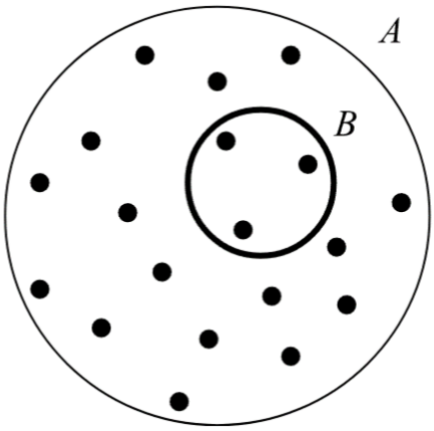
Cada padrão de sentido será melhor elaborado individualmente nas subseções seguintes, detalhando seus aspectos semânticos e suas relações com as dimensões pragmático discursivas.

4.1 Integrante de grupo

É o padrão de maior frequência no *corpus*, representando 65,2% do total de usos. Representa novidade em relação aos sentidos estabelecidos na língua nativa, evocando a noção de uma comunidade ou grupo em que algumas entidades são selecionadas como referência no discurso.

Em termos de *construal*, o sentido parte de uma categoria A, composta por um grupo de entidades que a integra. Essas entidades partilham de uma configuração comum definida pelo dado da raiz. Da categoria A, realiza-se uma seleção de um grupo de entidades a serem referidas no discurso, formando um grupo B, perfilado no ato comunicativo, enquanto A e as demais entidades ficam no plano de fundo (*background*) da cena desse sentido, como ilustra a Figura 1.

Figura 1 — Esquema-imagético do tipo integrante de comunidade



Fonte: elaborada pelos autores

Em comparação com os sentidos da língua nativa, este sentido se caracteriza uma novidade por não representar somente o traço relacional da entidade referida com a raiz, mas também com outras entidades presentes no *background* da cena.

Para isso, tal estruturação embasa-se, na categoria do esquema, a partir de MCIs de esquemas imagéticos, como o esquema de parte-todo, em que se delimita e se define a relação das partes entre si, e com a categoria A; e de *container* (relação de exterior-interior-exterior), que marca parte da relação das entidades com o todo, enquanto entidades contidas por A.

(1) se eu morasse no rio não ia aguentar um vamo dos *honters* que eu gosto (PO09250123).

No exemplo (1), fica explícito como se dá a composição semântica do uso. A presença da oração relativa demarca "*honters*" como macrocategoria englobante de outras entidades de propriedade semelhante, isto é, a macrocategoria "*honters*" como um conjunto de entidade cujo traço comum é ser fã da artista Pocah, havendo uma seleção, dentro desse grupo, das entidades que estarão em foco. Embora esse

ISSN 2237-6321

exemplo apresente explicitamente a macrocategoria, regularmente ela está pressuposta no enunciado, caso dos exemplos (2-4).

(2) Com imensa tristeza informamos que hoje o céu ganha um *groover* [...] (GG01020123)

(3) Eu tô rindo tanto dos *anitter* usando as gírias daqui em espanhol kkkkkkkkkk "bafuera" habla miesmo" "el fiecho" (AN12300122)

(4) vai *sonzer*, faz seu genérico em cima da anitta quando sua fav fez isso aq (LS01260123)

No *corpus*, se sobressaíram os usos desse tipo semântico cuja valoração do falante sobre o item é apreciativa (44,5%), caso dos itens (1) e (2), seguido de usos cuja valoração é neutra ou constatativa (36,3%), como no item (3). A valoração depreciativa representa menor quantia no *corpus*, ocupando somente 19,2% do total de usos, caso de (4).

A maior quantidade de usos apreciativos e neutros pode ser relacionada com a prevalência do tipo semântico como forma de nomeação de *fandoms*. O uso apreciativo é, como retratado nos exemplos, uma forma comum de tratamento entre integrantes de uma mesma comunidade *online*, normalmente comunidades em que o elo é a apreciação comum por algum artista.

Em relação à animacidade da raiz dos itens pertencentes ao tipo semântico, percebe-se ainda a predominância de bases mais animadas, sendo 98,7% dos usos de base animada humana, e, portanto, cognitivamente mais salientes, conforme a hierarquia de empatia de Langacker (1991). Nesse caso, semanticamente, o elo entre os membros da comunidade é preferencialmente pautado por entidades cuja noção de movimento e a possibilidade de identificação é maior.

4.2 Estereótipo

É o segundo maior padrão em frequência no *corpus*, com 19,9%, e parte da generalização de traços típicos do universo conceitual de um grupo de entidades da categoria, esta sendo definida pelo dado da raiz.

A noção de estereótipo não é novidade na semântica cognitiva. Lakoff (1987) a define como um modelo proveniente do mapeamento metonímico em que "uma subcategoria tem um status socialmente reconhecido por representar a categoria como um todo, usualmente com o propósito de fazer rápidos julgamentos sobre pessoas" (Lakoff, 1987, p. 79, tradução nossa).

Esse tipo semântico trata-se, na verdade, de uma estrutura mais complexa em relação aos demais padrões de sentido, podendo em alguns casos alocar-se no limite das demais categorias. Os exemplos (5-8) representam, respectivamente, um caso típico de estereotipia, e casos em que o uso se enquadra na periferia de outras categorias:

(5) Ai fiquei tão fofinho de *Faria Limer*, devia ter feito ADM na GV ou Insper (FL06210123)

(6) minha personalidade *sonzer* voltou 😊 (LS11170124)

(7) exercendo meu dever de *messejaner* de só andar no meio da rua 😭😭😭😭 (ME01070122)

(8) Skin 2023: soft & *yoger* & thankful & *tweet* as 07:36 da manhã pq depois estarei muito busy fazendo money (YO01050123)

Em (5), percebe-se que há uma generalização de um ideal particular do que é ser originário do Faria Lima, havendo uma idealização do tipo de vestimenta comumente utilizada por trabalhadores da avenida, de um perfil profissional desses trabalhadores e da classe socioeconômica em que se enquadram. Representa, assim, um ideal socialmente construído sobre um grupo de pessoas, que é empregado em tom jocoso ou pejorativo.

Por sua vez, os casos de (6), (7) e (8), marcam limite com as demais categorias, ao passo que, em (6), não é possível definir quais os limites em que *sonzer* aponta para um integrante de uma comunidade ou generaliza um traço típico desses integrantes; em (7), os limites da noção de origem e da noção de estereótipo da pessoa originária do lugar não estão claros; e em (8), a noção de prática física confunde-se com o estereótipo do praticante da atividade.

No *corpus*, os dados se apresentaram com valoração como esperado pela definição de Lakoff: como um julgamento sobre pessoas. Do total, 56,8% dos usos têm valoração depreciativa com o emprego do item, seguido de usos com valor neutro, 29,5%.

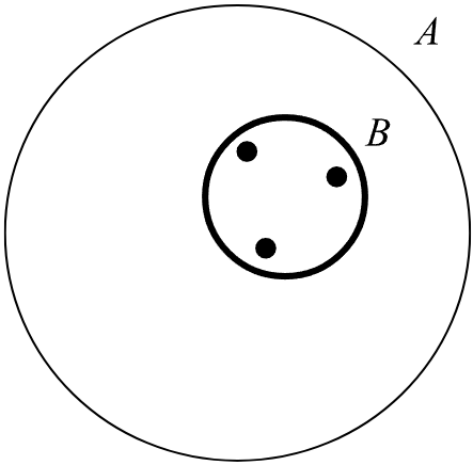
O uso de estereótipos é, ainda, mais frequente em casos cuja base é inanimada e concreta, 78,4% dos casos. Este fato relaciona-se com o processo de composição do item, em que a base aciona o conhecimento enciclopédico dos falantes e há uma seleção dos traços típicos que serão agregados ao referente.

ISSN 2237-6321

4.3 Proveniência

Este padrão está em terceiro lugar em termos de frequência no *corpus*, com 8,4% do total de usos. Indica a ideia de origem das entidades referidas no discurso, em que a origem é definida pelo dado da raiz, partindo do esquema imagético de container em que se perfila um grupo de entidades contidas em uma zona A, posteriormente, metaforizada — normalmente projetada para um domínio-alvo de espaço —, que na composição do esquema será o dado da raiz, como ilustra a Figura 2.

Figura 2 — Esquema imagético do tipo proveniência.



Fonte: elaborada pelos autores.

Diferencia-se, assim, do tipo semântico "integrante de comunidade" por não recriar a cena considerando subintegrantes da categoria no *background*, delimitando somente a relação das entidades contidas e perfiladas (B) com a categoria que as contém (A). Desse modo, na representação, B está contido em A, quer-se dizer que B é originado de A ou B vive em A, como nos exemplos (9) e (10).

(9) NE eu sou *benfiquer*, pra mim o iguatemi é um outro mundo (BE03110124)

(10) Amo ser *santa cecilier* mas tem uns arrombado fazendo zuada essa hora? Amanhã é segunda gente (SC12300123)

Hamawand (2011) destaca esse uso enquanto um dos sentidos prototípicos do esquema no inglês, contando com itens como *new yorker* (nova iorquino), *northener* (do norte) e *villager* (morador de uma vila). Para Hamawand (2011), é necessário, no processo de composição desse sentido, que, no inglês, a raiz possua o traço de concretude. No *corpus*, a animacidade da raiz distribui-se entre inanimado concreto (55,9%), como em

(11), e animado humano (44,1%), como em (12), próximos em frequência de uso.

(11) ATENÇÃO *BENFIQUERS* 🚨: abriu um novo restaurante self-service de hot dog na rua waldery uchoa, número 615. [...]. (BE0320012)

(12) ainda n entrou na minha cabeca q vc é *paulister* agora (PA13050123)

Nesse caso, a animacidade coincide com o padrão do inglês, mas diferencia-se pela função da raiz, considerando que o total de usos em que a animacidade é "animado humano" pertence à raiz "paulista", de que deriva o item *paulister*. A noção espacial ainda está presente, mas a raiz já perfila a entidade referida como originária de um local, que faz desse item um representante pouco regular do processo de composição desse tipo semântico, considerando que normalmente a raiz dá o dado do local de origem com a função de substantivo.

4.4 Prática

Tipo semântico de menor representatividade no *corpus*, esse tipo apareceu somente com 1,4% de representatividade entre as ocorrências e marca a noção de agentividade no esquema. Essa noção não é novidade em sua língua de origem, e, como mencionado anteriormente, representa um sentido prototípico do esquema. Contudo, no português, a construção é inovadora por se levar em conta o fato de que necessariamente possui uma raiz nominal.

Nesse caso, a composição desse sentido parte da estrutura composicional da raiz, isto é, aciona o *frame* da raiz que evoca o cenário em que estão situados eventos relacionados à raiz em que, entre papéis temáticos, há função de agente. No *corpus*, o sentido se apresenta restrito às lexias *yoger*, *bicicleter* e *esteirer*:

(13) Estou muito *yoger* conseguindo fazer invertida e mantendo por um tempo bom 🧘 (YO04270123)

(14) 2025 me fez ser uma pessoa *bicicleter* e não *esteirer*, como é bom pedalar ouvindo as mais sofridas da taylor (BI01250124)

(15) Aqui no condomínio tem uma professora de Yoga que dá aulas aos domingos pela manhã. Será que eu me matriculo? Yoga traz que benefícios? *Yogers*, me ajudem. (YO05220123)

ISSN 2237-6321

Em (13), a base yoga compreende, pelo contexto, um conjunto de ações caracterizantes da prática física da raiz, caracterizando-a como categoria que comporta as ações de “fazer invertida” e de “manter por um tempo bom”. O processo de composição do esquema age, assim, selecionando essas ações e outras acessíveis no conhecimento de mundo do falante. Por conseguinte, dentro de sua estrutura composicional, acionam-se agentes dessa ação, que podem ser tanto as entidades perfiladas, como o traço relacional projetado rumo à entidade referida, nomeada como *yoger*. É válido ressaltar que esse conjunto de ações não necessita ser explicitado no contexto, já que é esperado dos interlocutores que isto conste em seu conhecimento de mundo.

No caso de (14), o item se enquadra dentro da valência das ações em que as raízes agem com papel temático de instrumento. Nesse caso, a raiz aciona o *frame* que traz o conjunto de ações tipicamente praticadas com o termo da base, e posiciona a entidade referida e perfilada como agente dessas ações, sendo o *bicicleter* e o *esteirer*, respectivamente, "a pessoa que anda de bicicleta" e "a pessoa que anda ou corre na esteira".

No corpus, percebeu-se, ainda, a possibilidade de aproximação desse sentido com relação à noção de integrante de comunidade. O uso apresentado em (15), por exemplo, representa um caso cujo significado representa uma zona de convergência entre os dois padrões, como integrantes de uma comunidade de prática.

5 MORFOLOGIA: QUESTÕES DE ADAPTAÇÃO

Uma vez adotada a gramática cognitiva (Langacker, 2008; Taylor, 2002) como norteadora deste trabalho, tanto o plano da forma quanto do conteúdo são igualmente privilegiados durante a análise do esquema. Assim, feitas as devidas sistematizações a respeito dos sentidos apreendidos do esquema [[X]$_{Sub./Adj.}$ er]$_{Sub./Adj.}$ em língua portuguesa, cabem também reflexões sobre seu comportamento como esquema não-nativo dentro do panorama morfológico e fonológico do português brasileiro.

Originalmente, concebido em língua inglesa, o esquema [[X]$_{Sub./Adj.}$ er]$_{Sub./Adj.}$ apresentou alta taxa de produtividade na língua portuguesa, ligando-se a raízes nominais e construindo itens como *anitter*, *messejaner*, *faria limer* e *bicicleter*, podendo-se distribuir suas raízes entre os grupos semânticos apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 — Agrupamento semântico das raízes

Tipo	Caracterização
Celebridades	Anitta, Ludmilla. Luisa Sonza, Marina Sena, Marília Mendonça, Maiara e Maraísa, Pocahontas, João Gomes, Ivete, Alcione, Juliette, [Fred] Nicácio, Mamacita [Karol Conká], Gloria Groove
Locativo	Faria Lima, Santa Cecília, Benfica, Messejana.
Objeto	Esteira, Bicicleta
Gentílico	Paulista
Prática física	Yoga

Fonte: elaborada pelos autores

Em inglês, este esquema, como dito anteriormente, é prototipicamente veiculador da ideia de agentividade sobre a raiz a qual se liga, podendo esta variar entre raiz verbal e raiz nominal e ainda variar quanto à transitividade verbal e quanto à animacidade da raiz (Hamawand, 2011). Dentre as possibilidades deste esquema na língua inglesa, sejam elas prototípicas ou periféricas, Hamawand (2011) destaca a comum ausência do traço de animacidade humana na raiz na construção do esquema, configurando-se como um aspecto inovador do esquema [[X]$_{Sub./Adj.}$ er]$_{Sub./Adj.}$ em língua portuguesa no que tange ao seu padrão construcional, considerando que, em 75,3% dos usos do nosso *corpus*, a raiz possuía um traço de humanidade, ou seja, a raiz era um antropônimo (*Anitta* > *anitter*, *Ludmilla* > *ludmiller*, *Luisa Sonza* > *sonzer*). Em paralelo à inovação, os 24,7% restantes ligam-se a uma raiz com traço de inanimacidade concreta, como em sua língua nativa: *London* > *Londoner*, logo *Messejana* > *messejaner* (HAMAWAND 2011).

5.2 DA MORFOFONOLOGIA

O processo morfofonológico do esquema [[X]$_{Sub./Adj.}$ er]$_{Sub./Adj.}$ comporta-se de maneira similar a um padrão derivacional regular do português brasileiro, em que há, no processo de sufixação, a síncope da vogal temática da palavra e o acréscimo do sufixo à raiz (ex.: *esteir*(*a*) + *er*) de modo a não haver perda considerável do material morfossemântico. O mesmo ocorre com nomes próprios como em *anitter* cuja raiz é Anitta, *ludmiller* cuja raiz é Ludmilla. Na ocorrência de uma coda consonantal travando esta assimilação, ocorre sua síncope para que o processo seja continuado (ex. *joão gome*(*s*) + *er*). No geral, a adaptação do esquema é um processo previsto na analisabilidade do esquema. Sobre isso, Souza (2020) ressalta que quanto maior a perda de massa fonológica de esquemas morfológicos, mais o item tende a se tornar mais baixamente analisável e

ISSN 2237-6321

compositivo. A restrição do processo de aglutinação à última sílaba é, desse modo, uma característica esperada devido à intensa produtividade do esquema em língua portuguesa e ao fato de que expressões novas tendem a ser mais analisáveis (Langacker, 2019) e, portanto, têm menos perda fonológica.

Fonologicamente, é esperado que o *-er* comporte-se como um sufixo átono (Cagliari, 1999 *apud* Benevides, 2022) dentro do padrão prosódico do português, ou seja, o sufixo não possui força para deslocar o acento tônico para si, diferente de sufixos tônicos que possuem tonicidade própria. Em substantivos derivados, não é incomum a tonicidade recair sobre o sufixo, exemplo de *-inho*/*-zinho* e *-or*/-dor, respectivamente, GATO [g'atʊ] > GATINHO [gat'iɲʊ] e MERECER [meres'e] > MERECEDOR [meresed'o].

Possivelmente, a manutenção da tônica na raiz relaciona-se com o fato de essa ser uma propriedade do esquema na sua língua de origem. Como um padrão aceito no português, espera-se que a estrutura composta mantenha essa propriedade fonológica e se apresente, como em [iv'ɛtɪ] > *iveter* [iv'ɛte], Benfica [bẽf'ikə] > *benfiquer* [bẽf'ike], bicicleta [bisikl'ɛtə] > *bicicleter* [bisikl'ɛte].

Além disso, a realização fonética do esquema [[X]$_{\text{Sub./Adj.}}$ er]$_{\text{Sub./Adj.}}$ se depara com questões relativas à sua materialidade no uso, tendo em vista que os itens aqui encontrados são manifestações da escrita desses itens; por isso, tentativas de uma descrição fonética deste *-er* não-nativo fazem emergir simultaneamente variadas possibilidades de realização.

Contudo, destaca-se aquela ligada ao quadro fonético-fonológico do inglês, a língua de origem, e aquela ligada ao quadro do português, a língua receptora. Comecemos, então, pelas realizações fonéticas do sufixo em sua língua de origem, mas se fazem necessárias algumas breves considerações a respeito de qual sotaque adotaremos como referência neste artigo.

Os sotaques mais expressivos midiaticamente são o *General American* (GA) e o *British Accent* (BA) em que o sufixo *-er* é produzido de maneiras distintas. No GA, um sotaque rótico, a tendência é que /r/ ocorra de maneira marcada em posição de final de palavra. No BA, um sotaque não-rótico, este mesmo /r/ passou por um apagamento de natureza histórica (Carley; Mees, 2020), deixando apenas a schwa /ə/. O Quadro 3 ilustra essas difrenças.

Quadro 3 — Comparativo entre *General American* e *British Accent*.

Grafia	GA	BA
Villager	/ˈvɪlɪdʒər/	/ˈvɪlɪdʒə/
Worker	/ˈwər.kər/	/ˈwɜː.kə/
Seller	/ˈsɛlər/	/ˈsɛlə/
Philosopher	/fəˈlɑsəfər/	/fɪˈlɒs.ə.fə/

Fonte: elaborada pelos autores

A adoção de GA na transcrição fonética se deu pela presença massiva do inglês estadunidense, devido à sua globalização, nos mais variados campos sociais, especialmente, no espaço virtual e na cultura pop, que servem como grandes aportes contextuais dos dados apresentados no *corpus*. Por esta razão também, é possível que seja este um dos padrões fonéticos-fonológicos adotados durante a realização oral do esquema do sufixo *-er*, principalmente, por falantes bilíngues que possuem o inglês como L2 ou que possuam um conhecimento considerável dos padrões linguísticos da língua de empréstimo.

O segundo cenário possível de realização é uma total acomodação do sufixo *-er* aos padrões de fala do português brasileiro. No panorama fonético-fonológico do PB, a sílaba pode ser tipicamente composta pelo padrão consoante-vogal-consoante, de completo preenchimento fonológico das funções de ataque, núcleo e coda. O esquema, nesse caso, funcionaria com a fonologia semelhante a de itens já regulares na língua portuguesa em que a posição de coda, ocupada pelo fonema /R/, como ocorre em *mulher*, *qualquer* e *doutor*, serviria enquanto uma adaptação e naturalização do esquema à fonologia da língua.

No entanto, segundo Cardoso et al (2010), esta posição de coda é a mais frágil dentro da organização prosódica da palavra, o que favorece situações de apagamento das realizações fonéticas do /R/ final a fim de alcançar uma sílaba aberta (CV), sem travamentos. Logo, se seguir o padrão silábico aqui exposto que viabiliza este apagamento, poderá acontecer com *anitter*, *bicicleter* e *faria limer* o mesmo fenômeno que ocorre com *caráter* > [kɐˈɾate], *mister* > ['miʃte] e *sênior* > ['senjo].

Este apagamento do /R/ configura-se no português brasileiro, segundo Callou *et al* (2001), como um fenômeno amplamente difundido, cuja presença no falar não possui mais marcações sociais de prestígio ou estigma, o que permite pensá-lo como uma alternativa de realização do esquema [[X]$_{Sub./Adj}$ er]$_{Sub./Adj}$. comum a todos os falantes, sejam eles bilíngues ou não, independente do grau de escolarização

Em geral, esse comportamento relaciona-se com a adaptação desse esquema à língua portuguesa e sua consecutiva inserção no léxico da

ISSN 2237-6321

língua, mas também tem a ver com a realização de ajustes próprios do esquema na elaboração de suas instanciações e das adaptações fonológicas empregadas para garantir a viabilidade do item instanciado no uso corrente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, percebe-se que o esquema [[X]$_{Sub./Adj.}$ er]$_{Sub./Adj.}$, enquanto categoria não nativa da língua portuguesa, demonstrou ser altamente produtivo e agiu como um molde dentro da língua. A alta produtividade do esquema está diretamente ligada não apenas ao espaço virtual cuja difusão em massa é maior, mas também à sua alta analisabilidade e à sua profusão de sentidos. Esta tríade de fatores viabiliza, além da expansão do léxico do português brasileiro, o desenvolvimento de inovações construcionais na língua.

Com relação à estruturação do sentido do esquema, foi possível depreender, do *corpus* pesquisado, quatro padrões regulares de sentido que não mantêm limites estritos uns com os outros, podendo apresentar nuances e zonas de convergência entre duas ou mais polissemias: 1) integrante de comunidade; 2) estereótipo; 3) proveniência; 4) prática. Esses padrões indicam a presença de novidade quando comparados à polissemia do esquema na língua nativa.

Além disso, no nível morfofonológico, o esquema mostrou ser altamente analisável, visto que não considera aglutinação com grandes perdas de massa fonológica, como também preserva a tonicidade da raiz na estrutura composta, fator comum em esquemas de alta produtividade.

As discussões sobre o esquema no nível da morfofonologia também direcionaram o presente trabalho à consideração de questões quanto à sua adaptação no nível fonológico da língua, considerando as possibilidades de adoção da fonologia nativa do esquema e da fonologia do português brasileiro.

Por fim, é necessário destacar que algumas questões ainda perduram e merecem a atenção em trabalhos futuros, como uma melhor definição da categoria radial em sua polissemia, a definição de seus protótipos, um maior detalhamento do seu percurso histórico em português, bem como um melhor esclarecimento quanto à sua adaptação à morfofonologia e à morfossintaxe do português. São essas questões que devem ser empreendidas em pesquisas futuras com o objeto, que ainda dá seus primeiros passos na história da nossa língua.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, A. **O acento em pseudopalavras**. 2022. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BOOIJ, G. Polysemy and construction morphology. *In*: MOERDIJK, F.; SANTEN, A. V.; TEMPELAARS, R. (org.). **Leven met woorden**. Leida: Koninklijke Brill Leiden, 2007, p. 355-364. Disponível em: https://geertbooij.com/wp-content/uploads/2014/02/booij-2007-polysemy-and-construction-morphology.pdf. Acesso em: 5 jun. 2024.

CALLOU, D., MORAES, J. e LEITE, Y. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. **DELTA:** Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada [online]. 1998, v. 14, n. spe, pp. 61-72.

CARLEY, P; MEES, I. **American english phonetics and pronunciation practice**. 1. ed. Oxon: Routledge, 2020.

FELTES, H. P. M. **Semântica cognitiva**: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2018.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: Um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2012.

FONTES, A. A. M. **Lexias sexistas e violência política de gênero no *twitter***. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/75738/3/2023_dis_aamfontes.pdf. Acesso em: 26 fev. 2024.

GIVÓN, T. **Sintax I**. Amsterdã: John Benjamins, 1984.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 58, n. 1, p. 165–193, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/alfa/a/RFD7h36YtfCYfHLhZJ3fvJf/#. Acesso em: 24 maio 2024.

HAMAWAND, Z. **Morphology in english**: word formation in cognitive grammar. Chennai: Continuum, 2011.

HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R.; CARDOSO, W. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 45, n. 1, 2010. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/6860. Acesso em: 5 jun. 2024.

LAKOFF, G. **Woman, fire and dangerous things**: what categories reveal about mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

ISSN 2237-6321

LANGACKER, R. **Foundations in cognitive grammar**. Califórnia: Standford University Press, 1987. 1 v.

LANGACKER, R. **Cognitive grammar**: an introduction. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. Morphology in cognitive grammar. *In*: AUDRING, J.; MASINI, F (org.). **The oxford handbook of morphological theory**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2019.

LEWANDOWSKA-TOMASZXZYK, B. Polysemy, prototypes and radial categories. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (org.). **The oxford handbook of cognitive linguistics**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010

OLIVEIRA, Raphael Alves de. **Formações inovadoras com des- no X/Twitter**: descrição e análise pela morfologia cognitiva. 2023. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

PLEYER, M.; LEPIC, R.; HARTMANN, S. Compositionality in Different Modalities: A View from Usage-Based Linguistics. **International Journal of Primatology**, 2022, p. 1–33, 2022. Springer. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s10764-022-00330-x. Acesso em: 18 fev. 2024.

SILVA, A. **"Multiletramento", "multimodalidade", "multitela", "multitv":** a construção [multi + X] no português brasileiro segundo a gramática cognitiva. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

SOUZA, J. L. Provocações morfológicas à gramática cognitiva. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 22, número 2, p. 303-323, 2020. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/34366/21409. Acesso em: 18 fev. 2024.

TAYLOR, J. R. **Cognitive grammar**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2002.

AGUIAR, ALÃO. [X + ER] – UM ESQUEMA NÃO NATIVO EM TERRAS BRASILEIRAS. ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 14, N. 2, E2794, P. 1-22, MAI.-AGO./2024. DOI: 10.22168/2237-6321-22794